

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

O BEZERRO DE OURO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ANTIGO TESTAMENTO
E NA IGREJA ATUAL

José Lourenço Pereira Filho

José Lourenço Pereira Filho

O BEZERRO DE OURO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ANTIGO TESTAMENTO
E NA IGREJA ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final no curso
de Bacharel em Teologia da Faculdade
Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira
Cruz

São Paulo

2025

Pereira Filho, José Lourenço.

O bezerro de ouro e seus desdobramentos no Antigo Testamento e na Igreja atual. / José Lourenço Pereira Filho. – São Paulo, 2025.
34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Joerley Orlando de Oliveira Cruz

1. Antigo Testamento 2. Teologia bíblica 3. Hermenêutica bíblica 4. Bezerro de ouro 5. Livro de Êxodo I. Título. II. Cruz, Joerley Orlando de Oliveira

CDD 220.63

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

José Lourenço Pereira Filho

**O BEZERRO DE OURO E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ANTIGO
TESTAMENTO E NA IGREJA ATUAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz – Orientador

Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos – Leitor

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, o Todo-Poderoso e Triúno Criador e Senhor de todas as coisas, que se revelou ao seu povo Israel através de uma teofania no Sinai e que, apesar dos erros do seu povo, nunca deixa de amá-los e de lhes dá uma segunda chance.

AGRADECIMENTOS

À minha amada esposa, Letícia, mulher forte e corajosa, que sempre contribui para o meu crescimento teológico e espiritual. Obrigado pelas provocações e contribuições para o tema. Quero também ressaltar sua dedicação e serviço terno e zeloso por nossa família. Que Deus nos conceda a bênção de vivermos por muitos anos, para que eu possa desfrutar do seu amor e de sua agradável companhia. Embora você já saiba, e eu não me canse de falar, quero que saiba que “Eu te amo mais que infinitamente mais”.

Às minhas filhas, Maria Eduarda e Sophia, cujas vidas são duas das mais preciosas bênçãos que já recebi. Sou imensamente grato a Deus por ter me dado o privilégio de ser pai de vocês. Aprendo diariamente com cada uma de vocês. Amo cada uma de vocês com um amor que não cabe no peito, e através de vocês consigo entender um pouco mais sobre o amor paterno do Senhor.

Aos meus companheiros de ambas as turmas – por ter me ingressado no segundo semestre de 2021, participei de duas turmas, a que iniciou no primeiro semestre de 2021 e a que iniciou no segundo semestre de 2022 –, com os quais peregrinei nessa jornada de formação teológica nos últimos oito semestres, pela amizade, conselho e encorajamento que me recebi nos momentos de dificuldade.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo, cujo programa de bolsas de estudos me possibilitou desfrutar do preparo magnífico de cada professor.

Ao corpo docente da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, por meio do qual fui treinado, ao longo de quatro anos, para me tornar um cristão mais maduro e um servo mais bem preparado.

Ao Prof. Me. Joerley Cruz, cuja orientação atenta e generosa acompanhou cada etapa da elaboração deste trabalho.

“Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão.”

Êx 20:2 (Nova Versão Internacional)

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo do episódio do “bezerro de ouro” em Êxodo 32 que aborda a quebra da Aliança entre os israelitas e o seu Deus, *YaHWeH*. O objetivo é analisar o episódio do bezerro de ouro como uma quebra fundamental da Aliança exposta em Êxodo 20, explorando as dimensões teológicas, históricas e práticas dessa transgressão, seus desdobramentos e sua relevância para a compreensão contemporânea da adoração.

A pesquisa se baseará em estudos teológicos, exegéticos e históricos sobre o livro de Êxodo, com ênfase na análise da Aliança e na narrativa do bezerro de ouro. Serão utilizados trabalhos contemporâneos sobre idolatria e adoração na atualidade, bem como análises socioculturais que contextualizam a passagem bíblica em seu ambiente histórico. A metodologia exegética permitirá uma compreensão detalhada dos textos, enquanto a abordagem teológica possibilitará a reflexão sobre as implicações éticas e espirituais.

Esta pesquisa abordará a quebra da Aliança feita entre *YaHWeH* e Israel a partir do episódio do “bezerro de ouro”, no qual o povo estava adorando a Deus, porém com um elemento proibido no primeiro mandamento. Outrossim, serão abordados os desdobramentos teológicos desse episódio no culto veterotestamentário e na igreja atual.

O método a ser adotado será o bibliográfico, com foco na análise e interpretação de obras literárias e artigos acadêmicos relevantes. Essa abordagem visa oferecer uma base teórica sólida, facilitando a compreensão dos conceitos e debates relacionados ao tema em estudo.

Palavras-chave: Antigo Testamento; teologia bíblica; hermenêutica bíblica; bezerro de ouro; Livro de Êxodo.

SUMÁRIO

1. O DECÁLOGO E SEU LUGAR NO CULTO A <i>YAHWEH</i>	2
1.1. O DECÁLOGO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMUNIDADE DE ISRAEL	2
1.1.1. O lugar do Decálogo no livro de Êxodo	5
1.1.2. O lugar do Decálogo na vida religiosa de Israel.....	5
1.2. O QUE É UM MANDAMENTO	6
1.3. O QUE É ADORAÇÃO	8
1.4. O QUE É IDOLATRIA	11
1.5. O ESPISÓDIO DO BEZERRO DE OURO	13
1.5.1. Pontos de semelhança com a adoração a <i>YaHWeH</i>	14
1.5.2. Pontos de distanciamento com a adoração a <i>YaHWeH</i>	16
2. MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM AO EPISÓDIO DO BEZERRO DE OURO	18
2.1. MOTIVAÇÕES SOCIOCULTURAIS.....	18
2.2. MOTIVAÇÕES CULTUAIS E/OU ESPIRITUAIS	20
3. DESDOBRAMENTOS DO EPISÓDIO DO BEZERRO DE OURO	21
3.1. “VOCÊ SE TORNA AQUILO QUE ADORA”: COMO O ANTIGO TESTAMENTO RETOMOU ESSE TEMA EM SUAS DENÚNCIAS.....	21
3.2. IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS NO CULTO ISRAELITA	23
3.2.1. Implicações imediatas	23
3.2.2. Implicações posteriores	24
3.2.3. Implicações contemporâneas	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A Aliança¹ entre *YaHWeH*² e o seu povo não permite menos que a exclusividade da adoração ao seu Deus. Isso confronta nitidamente com o episódio do bezerro de ouro, uma vez que este último representa uma quebra clara dessa intenção, para não chamar de ordem, divina. Com a primeira estipulação da Aliança sendo a ordem de não ter nenhum outro deus adiante de *YaHWeH*, tal estipulação e o episódio do bezerro possuem, ao mesmo tempo, tanto pontos de semelhança com a adoração verdadeira como pontos de distanciamentos que fazem do último a quebra da primeira.

Após o episódio do bezerro de ouro, que se caracterizou como o “pecado original” de Israel, a nação não mais conseguiu se desvencilhar por completo da idolatria. Se já eram idólatras ainda em Abraão e sua família, ainda mais se tornam cada vez mais se desenvolve a sua história como povo de *YaHWeH*.

O Antigo Testamento inteiro repudia tal prática e, embora sejam feitas muitas denúncias proféticas, e até mesmo os livros poéticos e sapienciais também denunciarem e retomarem esse tema, os israelitas não se livraram por completo de tal prática, que estava, na verdade, mais em seus corações que em qualquer objeto confeccionado.

Profetas como Isaías, Jeremias, Ezequiel e Oseias retomam incessantemente e afirmam que essa foi a causa de o seu Deus os ter abandonado e deixado ser conquistados e dispersados entre as nações, embora por sua eterna misericórdia ele tenha prometido e tenha trabalhado para que Israel se reúna novamente em um lugar melhor que a terra prometida há milênios aos seus antepassados.

A fim de se compreender a relação entre o bezerro de ouro e as denúncias dos profetas, é fundamental tentarmos entender alguns conceitos-chaves que ajudam a esclarecer tais semelhanças e diferenças entre os dois, como: Aliança, Decálogo, mandamento, adoração, idolatria e o episódio do bezerro de ouro, bem como os pontos de semelhança e de distanciamento entre esse episódio e a verdadeira adoração a *YaHWeH*.

¹ בְּרִית (*b'rit*), tratado, acordo, aliança, pacto” (MCCONVILLE, Gordon J. בְּרִית (*b'rit*). In: VANGEMEREEN, Willem A. *Dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*: Volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 723); “No AT o *b'rith* é um tratado legal obrigatório” (TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*: Volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, p. 200).

² Foi optado por transliterar o tetragrama יהוה por *YaHWeH* em todos os seus usos nesse trabalho e todas as transliterações do hebraico seguirão o padrão da *Gramática instrumental do hebraico* (Antônio Renato Gusso, São Paulo, Vida Nova, 2005), porém com todas as consoantes em maiúsculo e as vogais/sinais massoréticos em minúsculo.

1. O DECÁLOGO³ E SEU LUGAR NO CULTO A *YAHWEH*

O Decálogo, mais conhecido como os “Dez Mandamentos”, forma a base e o cerne do pacto (ou Aliança) entre Deus e a comunidade de Israel, orientando aspectos espirituais e sociais de sua vida coletiva. Dentro desse contexto, um mandamento é uma orientação divina que reflete princípios éticos e espirituais. Nenhum outro documento da antiguidade tem influenciado mais as leis morais e judiciárias da sociedade do que tem feito a Lei de Moisés, a qual possui “dois objetivos fundamentais”: “revelar os princípios espirituais e morais de Deus a seu povo” e firmar “um acordo ou plano de aliança entre o Senhor e o seu povo”⁴.

Seguindo o padrão prefácio, prólogo histórico e lista de condições básicas, o Decálogo se assemelha de forma literária ao tratado hitita de suserania e vassalagem⁵, tendo as primeiras 4 estipulações como definição do relacionamento entre o suserano (*YaHWeH*) e seu vassalo (Israel), ao passo que as demais definem o funcionamento da comunidade vassala.

1.1. O DECÁLOGO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMUNIDADE DE ISRAEL

Poucas passagens na Escritura são tão bem conhecidas e facilmente identificáveis pela população em geral quanto o texto que passamos a considerar, Êxodo 20.1-17. Alguém pode não saber recitar todos os mandamentos ou saber sua sequência, mas a própria expressão é ampla e facilmente reconhecida.⁶

O Decálogo é um conjunto de mandamentos constantes no Pentateuco, mais especificamente nos livros de Êxodo (20.1-17) e Deuteronômio (5.5-21). Essa definição, ou como é mais conhecido esse conjunto de leis, ou seja, os Dez Mandamentos, consta no texto

³ Conforme Clifton J Allen, em seu *Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento*. Volume 1. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987, p. 485, “As estipulações do pacto são conhecidas, no Velho Testamento, como: (1) as “dez palavras”, e daí, decálogo, de *deka logoin* (Deut. 10:4; cf. Deut. 4:13; Êx. 34:28); (2) “o testemunho” (Êx. 25:16); e (3) “o pacto” (Êx. 34:28; Deut. 4:13; 9:9). Eram dez “palavras” no sentido de conceitos, princípios ou declarações da vontade do Senhor”. “O termo é usado em Êxodo 34.28; Deuteronômio 4.13; 10.4, e os mandamentos estão registrados em Êxodo 20.1-17; Deuteronômio 5.6-21.0 título alternativo “decálogo” angliciza o termo da LXX, que é uma tradução literal do hebraico.” (TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. Volume 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 142).

⁴ ELLISEN, Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: vida, 1991, p. 32.

⁵ Conforme WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015; HAMILTON, Victor P. *Êxodo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017; COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova, 1981; THOMPSON, J. A. *Deuteronômio: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006; CRAIG, Peter C. *Deuteronômio*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013; BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2019; CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus – A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974; LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

⁶ COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova, 1981, p. 461.

bíblico, mas apenas a definição “dez palavras” (עֲשֶׂרֶת הַדְּבָרִים, ‘*ăŠeReT HaDD^eVāRiM*), que aparece apenas em Êx 34.28 e Dt 4.13; 10.4. Não se trata de leis, mas princípios mais amplos que fornecem uma importante visão da natureza de *YaHWeH* e destacam a singularidade⁷ de Deus como a suprema autoridade moral sobre toda a criação, ou seja, qualquer adoração que seja direcionada para um objeto que não Ele, Sua justa ira se acende.

Embora haja muita divergência entre os estudiosos em relação às “dez palavras” (34.28) – se elas são o núcleo da *TôRâ*⁸, em torno do qual todo o restante pode ser visto como uma expansão, ou se são uma condensação da Torah, resumindo todo o conteúdo em algumas sentenças claras –, o livro de Êxodo parece deixar muito bem claro que são o núcleo da *TôRâ*, elas são tanto o princípio quanto o coração da revelação mosaica. Em torno das “dez palavras” é possível agrupar a maioria das disposições do livro da aliança nos capítulos 21 a 23, e em torno do livro da aliança, por sua vez, agrupar o restante da *TôRâ*⁹.

Os Dez Mandamentos (ou “as dez palavras”), apresentados em Êxodo 20.1-17 e Deuteronômio 5.5-21, refletem a tradição israelita de leis divididas em dois tipos: “apodíticas” e “casuísticas”¹⁰. Segundo John Bright, o “Decálogo representa um elemento central da Aliança que deu ao próprio Israel”¹¹. A importância das “dez palavras” também se dá pelo fato de,

⁷ A “Singularidade” de YHWH é basicamente a ideia unificadora da obra de Paul R. House (*Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005).

⁸ “A lei, tôrah, é primariamente uma instrução, uma doutrina, uma decisão dada em vista de um caso particular. Coletivamente, a palavra significa o conjunto de regras que ordenam as relações do homem para com Deus e dos homens entre si. Finalmente, a palavra designa os cinco primeiros livros da Bíblia, o Pentateuco, que contém as instruções de Deus a seu povo, as prescrições às quais este deve ajustar sua vida moral, social e religiosa. No Pentateuco, encontram-se todas as coletâneas de leis do Antigo Testamento” (VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004, 176).

⁹ COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova, 1981.

¹⁰ *Ibidem*, p. 144: “A lei israelita é de há muito dividida em *apodítica* (também chamada “categórica”) e *casuística*. O primeiro tipo é uma ordem abrupta e absoluta (normalmente em forma negativa) que não admite exceções, ao passo que o segundo tipo começa com “se” ou “quando”. Este último é bem conhecido fora de Israel nos códigos legais da Ásia Ocidental antiga, sendo geralmente considerado lei ditada pelas circunstâncias, decisões posteriores dependentes de grandes princípios antigos. O primeiro tipo (raro fora de Israel) incorpora estes princípios e pode, portanto, ser considerado mais antigo *a priori*. É a severa lei do deserto, que não dá razões para suas ordens e não permite exceções ou argumentos”. Conforme Jan-Daniel Macchi, “o direito *casuístico* está fundamentado na jurisprudência e utiliza fórmulas em “quando” – “se” para apresentar um caso e dar suas consequências jurídicas [... enquanto o] *apodítico* é declarado de maneira incondicional e legitimado pela autoridade que o proclama” (MACCHI, Jean-Daniel. *Êxodo*. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jan-Daniel; NIHAN, Christophe [orgs.]. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 219). Conferir também CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus – A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974. Derek Williams (*Dicionário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 210) atribui um terceiro tipo, “as *participiais* que consistem em expressões participiais que ordenam a morte de um criminoso (‘alguém fazendo isso será morto’)”.

¹¹ BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 184-5.

dentro da estrutura do *Gattung*¹² teofânico, são a continuação das *hieroi logoi* (“palavras santas”, uma espécie de profecia, promessa, sentença etc.) de *YaHWeH*, que começam em 19.21b-22 e 24,

Conforme Pablo R. Andiñach, mesmo o fato de terem sido incorporados num segundo momento, sua posição atual adquire importância singular, tendo a função crucial ajudar no entendimento do “corpo legal que começa com esse texto e estende-se pelo resto do livro de Êxodo e – com interrupções – vai até o final do Pentateuco”.¹³

Os Dez Mandamentos expressam a essência do Livro da Aliança e modelaram e continuam a modelar valores fundamentais de culturas e civilizações que se deu pela disseminação do cristianismo, tendo essas desprezíveis “dez palavras”, servido de alicerce legal e moral para o Ocidente moldado sua cultura¹⁴, bem como a relação de Israel com *YaHWeH* (a partir da rejeição da idolatria) e de Israel como comunidade¹⁵. Após a declaração dos Dez Mandamentos, o livro de Êxodo vai detalhando-os e aplicando-os à comunidade israelita¹⁶.

A proclamação dos Dez Mandamentos é a concretização da eleição de Israel, cujo discurso começa com uma autorrevelação de *YaHWeH*, a qual rememora a sua ação salvífica da libertação ocorrida no Egito, tendo os interlocutores aqueles que foram remidos por Ele. Ao proclamar o seu direito soberano sobre Israel e este ter aceitado a expressão de sua vontade, foi consumada a apropriação de Israel. Tal proclamação por parte de *YaHWeH* de sua vontade jurídica foi como uma rede lançada, realizando a execução da transferência de propriedade para si¹⁷.

¹² *Gattung* (gênero) teofânico é um gênero literário que possui os seguintes elementos: 1) Uma descrição introdutória na terceira pessoa; 2) A declaração pela divindade do nome do destinatário; 3) A resposta do destinatário mortal; 4) A autoafirmação da divindade; 5) Seu domínio sobre o temor humano; 6) A afirmação de sua presença graciosa; 7) O *hieros logos* [palavra santa] dirigido a uma situação particular; 8) A inquirição ou protesto por parte do destinatário; 9) A continuação do *hieros logos* com talvez alguma repetição dos elementos 4, 5 e/ou 6, provavelmente junto com alguma frase repetida do 7; 10) A descrição de conclusão (Adaptado de NIEHAUS, Jeffrey J. *Deus no Sinai: aliança e teofania na Bíblia e no Oriente Próximo da Antiguidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2021, p. 30 e KUNTZ, John Kenneth. *The self-revelation of God*. Philadelphia: Westminster, 1967, p. 60). Entretanto, não se limita a todos os elementos e ordem, afinal, nem os hebreus nem as outras nações do Oriente Próximo da Antiguidade eram rígidos quanto à utilização de uma forma literária.

¹³ ANDIÑACH, Pablo R. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 265.

¹⁴ WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p.458.

¹⁵ MACCHI, Jan-Daniel; NIHAN, Christophe [orgs.]. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 2019.

¹⁶ LUZA, Nilo. *Uma introdução ao Pentateuco*. São Paulo: Paulus, 2019.

¹⁷ VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 2006, p.189-0.

1.1.1. O lugar do Decálogo no livro de Êxodo

As “dez palavras” têm um *status* único no livro de Êxodo, pois somente elas são proclamadas diretamente por Deus aos israelitas. O *status* dos Dez Mandamentos é confirmado pelo fato de serem escritos em tábuas de pedra pelo “dedo de Deus” (31.18) e registrados duas vezes no Pentateuco (cf. Dt. 5.6-21). Ao falar de modo direto ao povo, Deus enfatiza a importância dessas obrigações da aliança.¹⁸

Êxodo 20:18-21 conecta os Dez Mandamentos e o Livro da Aliança, revelando uma transição significativa entre os dois. Esses versículos destacam a diferença na comunicação divina: enquanto os Dez Mandamentos são proclamados diretamente por Deus, o Livro da Aliança é apresentado por intermédio de Moisés. Esse temor do povo diante da majestade divina levou à necessidade de um intermediário, enfatizando a gravidade das obrigações contidas nos Mandamentos e o papel de Moisés como representante do povo. Essa passagem não só separa os dois conjuntos de leis, mas também reforça a centralidade dos Dez Mandamentos como base do pacto divino, estabelecendo o contexto para as leis mais detalhadas que seguem. Ela demonstra a relação única entre Deus, Moisés e o povo, onde o medo e a reverência moldam a forma como as leis são recebidas e vivenciadas na tradição israelita.

Seguindo a sintaxe hebraica e o estilo retórico – que põem em início o conceito principal, exceto em casos raros em que a prioridade não tem consequências para o sentido –, o Decálogo é apresentado primeiro, portanto, sua importância é evidente, afinal os autores bíblicos são muito cuidadosos em sua organização¹⁹.

1.1.2. O lugar do Decálogo na vida religiosa de Israel

A importância do Decálogo se dá pelo seu contraste com o Livro da Aliança, que foi mediado por Moisés. Enquanto o primeiro foi transmitido através da fala direta de *YaHWeH* à comunidade de Israel, o segundo foi transmitido inteiramente por Moisés ao povo, sem a interação direta de *YaHWeH* com o povo. Ou seja, embora instruído por Deus a Moisés para

¹⁸ ALEXANDER, T. Desmond. Êxodo. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 89. Conforme Andrew Hill e John Walton (HILL, Andrew E.; WALTON, John H. *Panorama do Antigo Testamento*. Vida Nova, 2007, p. 108), “Como lei, o decálogo está ligado à aliança, pois as regras resumem as condições da aliança exigidas para manter o pacto entre Javé e Israel”. Conferir também CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus – A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974.

¹⁹ WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

que este o colocasse diante do povo como “juízos/decisões” (*MiŠPāTīm*), o Livro da Lei, ao menos em importância de quem fala diretamente, é menor em importância quando posto ao lado do Decálogo, pois mesmo que ambos tenham vindo da boca de Deus, o primeiro e o segundo foi recebido direto dEle, enquanto o primeiro da boca de Moisés²⁰.

Além disso, como dito mais acima, o Livro da Lei é derivado do Decálogo, que é explanado por Moisés, trazendo possibilidades e jurisprudências que norteariam a comunidade daquele momento em diante, a fim de não se tornarem como os demais povos, que acabaram por se perderem em suas próprias leis e elementos culturais.

Walter Eichrodt diz que o Decálogo possui um aspecto peculiar, a saber, a estreita conexão de seus preceitos morais com os mandamentos religiosos, o que manifesta a função moral contínua indissolúvelmente unida à adoração a Deus. Portanto, se se deseja auxílio desse Deus, se deve ter em conta que ele considera o cumprimento dessas normas morais tão importante quanto sua adoração exclusiva.²¹

1.2. O QUE É UM MANDAMENTO

Mandamento (*MiŠWā* “mandamento”, “preceito”, “decreto”, “ordem”, “norma”, “lei”, “prescrição”, “conselho”²²) é um termo que deriva da raiz hebraica *שׂוּא* *ŠaWā*²³ - cujos

²⁰ Lógico que para os israelitas, tanto um como o outro se originaram da boca do próprio *YaHWeH*, mas entre ouvir o *qôl* das palavras deste e ouvir o *qôl* das palavras de Moisés há uma diferença muito significativa, pois o primeiro soa como julgamento divino, o que amedronta qualquer um, enquanto o segundo, embora firme em suas colocações, soa manso e humilde como um deles, o que acaba por deixá-los um pouco mais tranquilos.

²¹ EICHRODT, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 61. Também em CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus – A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974. Comentando sobre o livro de Deuteronômio, Nilo Luza diz que “O centro do Decálogo é o respeito à vida: ‘não matarás’ (5.17). violando a via, rompe-se a aliança com Deus. Os dez mandamentos devem guiar Israel na transição para a terra onde corre leite e mel, e para a possibilidade de viver como povo de Deus” (LUZA, Nilo. *Uma introdução ao Pentateuco*. São Paulo: Paulus, 20219, p. 47).

²² “שׂוּא”. In: DAVIDSON, Benjamin. *Léxico analítico hebraico e caldaico*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 934; “שׂוּא”. In: ALONSO SCÖCKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 397. HARTLEY, John E. “שׂוּא (*tsāwā*)”. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1269.

²³ Segundo o *DITAT*, (HARTLEY, John E. “שׂוּא (*tsāwā*)”. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1269), “A raiz designa a instrução de um pai para o filho (1 Sm 17.20), de um fazendeiro a seus lavradores (Rt 2.9), de um rei a seus servos (2 Sm 21.14). Isso reflete uma sociedade firmemente estruturada em que as pessoas tinham de prestar contas a Deus pelo direito de mandar (cf. 2 Sm 7.7; 1 Rs 1.35). O líder tinha, então, condições de mandar no povo e de esperar sua obediência (Js 1.9, 16). Deus nomeou Josué para suceder Moisés (Nm 27.18 es.; Dt 31.14 e s.). Quando escolheu Davi para ser rei, Deus “ordenou que [Davi] seja príncipe [*nāgîd*]”, isto é, nomeou-o como tal (1 Sm 13.14). A palavra do profeta possui autoridade porque ele fala tudo o que Deus lhe ordena (Jr 1.7; cf. Dt 18.18)”; “שׂוּא”. In: DAVIDSON, Benjamin. *Léxico analítico hebraico e caldaico*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 934; “שׂוּא”. In: ALONSO SCÖCKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 397.

significados são “mandar”, “ordenar”, “prescrever”, “impor”, “exigir”, “incubir” etc. –, e cuja ocorrência se dá no *piel* e no plural. É desde uma ordem ou instrução dada com autoridade, cuja origem é o próprio Deus e às quais se espera obediência por parte do receptor. A palavra refere-se, com maior frequência, aos Dez Mandamentos e à *TôRá*^{24,25}

Uma vez que o texto não enumera cada um dos mandamentos, há uma grande dificuldade em se chegar em um consenso em relação a sua distribuição²⁶. Essa dificuldade faz com que surja grande variedade de divisão dos mandamentos.

Andiñach acompanha outros autores considerando o primeiro mandamento “Não terás outros Deuses diante de mim”²⁷ e afirma ainda que a expressão “não haverá para ti (לֹא יִהְיֶה לְךָ אֱלֹהִים אֲחֵרִים) *L’ō YiHYeH-L’eKā*” outros deuses não é uma afirmação monoteísta, visto que há a menção de “outros deuses”, pois, como pressupõe, “o autor admite a existência de outras divindades, mas exige que Israel tenha uma única: Javé”, defendendo que o texto reflete mais uma predominância monolátrica que um monoteísmo. Nesse caso, ao mesmo tempo que se devia a fidelidade e adoração a *YaHWeH*, se aceitava a existência de outros deuses. Porém, para um melhor entendimento desse mandamento, é necessário levar em consideração que o reconhecimento da unicidade e singularidade de *YaHWeH* em Israel não se funda no fato de que este foi herdado

²⁴ MARE, W. H. “Mandamento”. In: TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. Volume 4. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 74; ENNS, Peter. מִצְוָה. In: VANGEMEREN, Willem. *Novo dicionário de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 1067; “A ideia de *tôrâ* como ensinamento é vista especificamente em Êxodo e Deuteronômio e, talvez, seja o melhor modo de compreender o seu propósito”. (“**Lei do Antigo Testamento**”. In: OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 234). *TaNaKH* é um acrônimo usado pelos judeus para se referir ao Antigo Testamento, no qual *Ta* é a sigla para *TôRâ* (Lei, Pentateuco), *Na* para *NeVi’im* (Profetas) e *KH* para *KeTûViM* (Escritos, Salmos). “O nome “Torá” deriva de uma raiz hebraica que significa ‘direção’, ensinar’, ‘instruir’ e, por conseguinte, faz alusão à sua condição de manual de vida e guia geral para o povo de Israel.” (ANDIÑACH, Pablo R. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 54).

²⁵ “A violação de qualquer mandamento resulta em culpa e na necessidade de expiação (cf. Lv 4). Mas todo aquele que chega ao ponto de fazer pouco caso dos mandamentos divinos é eliminado do povo de Deus (Nm 15.31). A desobediência de Salomão aos mandamentos no final da sua vida resultou na divisão do reino (2 Rs 11.31-39; 14.8). Então a desobediência ininterrupta de vários reis, especialmente Manassés, levou ao fim da dinastia davídica” (HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1270).

²⁶ Conforme Pablo Andiñach (ANDIÑACH, Pablo R. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 267), “não há consenso sobre como se distribuem os dez mandamentos, uma vez que o texto não os numera. Isso levou a que diversas tradições numerassem as dez leis de forma diferente. Para Flávio Josefo, Filo de Alexandria (seguidos por João Calvino e os reformados), o primeiro mandamento encontra-se em 20.3; para Agostinho, no entanto, ele abarca os v. 3-6, o que é adotado pelas igrejas católica e luterana, que dividem, mais adiante, o décimo mandamento em dois, para assim recompor o número dez. O judaísmo ortodoxo, por sua vez, identifica o primeiro mandamento com Êx 20.2”.

²⁷ WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015; ANDIÑACH, Pablo R. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010; ARCHER JR., Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

dos pais, afinal a fidelidade é construída sobre a experiência da libertação da escravidão, pois Deus não pede que se adira cegamente, mas em resposta à sua graça libertadora²⁸.

1.3. O QUE É ADORAÇÃO

O *Catecismo Maior de Westminster* propõe a sua primeira pergunta: “Qual é o fim supremo e principal do homem?”. Então responde: “O fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre. Rm 11.36; 1Co 10.31; Sl 73.24-26; Jo 17.22-24”²⁹. João Calvino, em sua exposição sobre o Decálogo afirma que o que devemos a Deus é “reconhecê-lo e professá-lo como o único Deus, amá-lo, honrá-lo e temê-lo acima e antes de tudo o mais, depositar unicamente nele todas as nossas esperanças e necessidades, e sempre rogar seu auxílio”³⁰.

A palavra portuguesa “adoração, adorar” é derivada do Latim “*adoratione, adorare*” e significa ato de adorar, reverenciar com muito respeito, um ser, render culto a, merecimento, mérito, dignidade, ou mérito, o reconhecimento outorgado ou devido a essas coisas, prestar homenagem ou respeito. No mundo religioso, o termo é usado para a devoção reverente, serviço, ou honra prestada a Deus, quer pública quer individual. O edifício da igreja é um lugar de adoração e as formas de serviço divino, adotado por vários grupos ou congregações cristãs, são formas de adoração. O verbo “adorar” pode ser usado tanto como transitivo, adorar a Deus, quanto como intransitivo, adorar, assistir ou participar em adoração.³¹

A adoração é um dos aspectos centrais da vida com Deus. Não se resumindo a um mero ato religioso, mas sendo uma expressão da relação entre o ser humano e Deus, na qual estão envolvidos elementos como entrega, reverência e celebração.

No Antigo Testamento, a adoração estava profundamente ligada ao relacionamento do povo de Israel com Deus. O *Sh^eM’â* (Dt 6:4-5) e Ex 20:1-6 exortam a amar o Senhor com todo o coração, alma e força e adorar apenas a ele. O sistema sacrificial e o templo em Jerusalém eram os centros da adoração comunitária.

As formas ritualísticas mosaicas e davídicas foram extintas quando o véu do templo foi rasgado, a terra tremeu e houve trevas sobre a terra no momento da morte de Jesus. No entanto, a essência e significado de toda adoração pública do único e verdadeiro Deus permanecem intactos [:] 1. A adoração pública é um dever e privilégio de toda a humanidade [...] 2. O assunto é a adoração coletiva [...] 3. AO SENHOR [...] é o

²⁸ ANDIÑACH, Pablo R. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 268.

²⁹ Monergismo. Disponível em:

<https://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismomaior_westminster.htm>. Acesso em 18 de abr de 2025.

³⁰ *Institutas da religião cristã*. São Paulo: Fiel, 2018, p. 60-1.

³¹ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia – Volume 1*. São Paulo: Fiel, 2008, p. 102-3.

único objeto adequado de adoração [...] 4. Adoração é tributar [...] ao próprio Deus. 5. Adorar é tributar a Deus honra [...] 6. Adoração é tributar a Deus a importância, honra e peso devidos ao seu nome [...] 7. Adoração é acompanhada por uma oferta [...] 8. Os adoradores [...] entram em sua presença [...] vestidos adequadamente para a ocasião [...] 9. O elemento temor, no sentido comum, não está ausente da verdadeira adoração.³²

No Novo Testamento, com a vinda de Cristo, a adoração assume um novo significado: ele ensina que a adoração deve ser "em espírito e em verdade" (Jo 4:23-24), o que deixa muito claro que a adoração transcende lugares físicos e rituais específicos.

Adorar é glorificar a Deus em sua presença, tanto com nossa voz como também com nosso coração, é um ato que glorifica a Deus.

Apesar de se esperar que todos os aspectos das nossas vidas glorifiquem a Deus, é algo que fazemos especialmente quando entramos na presença de Deus, quando estamos conscientes que o cultuamos de coração e quando o louvamos com a voz e dele falamos para que outros o ouçam.³³

Deus exigiu do faraó que deixasse ir o seu povo, para que o servisse (adorasse) no deserto. Deus então tira o seu povo fora do Egito para levá-los para dentro de sua assembleia, para a grande multidão dos que estão diante da sua face, para que pudessem ouvir sua voz e adorá-lo.

O chamado do evangelho é para a adoração.

Na adoração, na igreja de Cristo, aproximamo-nos do trono de Deus, o juiz de todos. Adentramos a assembleia festiva dos santos e dos anjos. Reunimo-nos em espírito com os espíritos dos justos aperfeiçoados. Adentramos a assembleia de glória por meio de Cristo, nosso mediador, e pelo sangue de sua morte propiciatória.³⁴

Adorar é uma expressão direta do nosso principal propósito na vida de glorificar a Deus “a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo” (Ef 1.12). Precisamos ter em mente que Ele é digno de adoração, nós não o somos. Ele é, também, zeloso de sua própria honra, a qual ele corretamente busca, e nós devemos tremer de temor diante desse fato para que não roubemos ou tentemos roubar de Deus a sua glória. E devemos também nos alegrar em fazer isso.

Porque Deus é digno de adoração e quer ser adorado, tudo em nossos cultos de adoração deve ser planejado e feito não para chamar a atenção para nós mesmos nem para trazer-nos glória, mas sim para chamar atenção para Deus e para levar as pessoas a pensarem a respeito dele. Seria apropriado reavaliar com frequência os vários elementos de nossos cultos dominicais – a pregação, a oração pública, a direção do culto, as músicas especiais, a celebração da ceia do Senhor e até mesmo os avisos e a oferta. Será que estão realmente trazendo glória a Deus do modo como estão sendo

³² CULVER, Robert. D. *Teologia sistemática: bíblica e histórica*. São Paulo: Shedd, 2012, p. 1262-3.

³³ GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.854.

³⁴ *Ibidem*, p. 848.

feitos? Pedro afirma que os dons espirituais devem ser usados de modo que “seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo” (IPe 4.11).³⁵

A adoração cristã é fundamentalmente teocêntrica e trinitária, centrada no Deus Pai, no Deus Filho e no Deus Espírito Santo, e manifesta-se por meio de diversos elementos: oração, louvor, leitura das Escrituras, pregação, celebração da Ceia do Senhor etc. É um termo aplicado a tudo na vida cristã, e de fato “tudo em nossa vida deve ser um ato de adoração e tudo o que a igreja faz deve ser considerado adoração, pois tudo o que fazemos deve glorificar a Deus”³⁶. A Bíblia afirma que tudo foi criado para a Glória de Deus.

Como uma atividade espiritual, a adoração genuína só é possível quando efetuada pelo poder do Espírito Santo em nós. Portanto, devemos orar para que o Espírito Santo nos capacite a adorar de forma correta. O adorar “em espírito e em verdade” quer dizer no reino espiritual, o reino da atividade espiritual. Sendo assim, a verdadeira adoração envolve não somente o nosso campo físico, mas também o nosso espírito, que é o aspecto imaterial de nossa existência que basicamente atua no reino invisível.

Deus “procura” continuamente (Jo 4.23) aqueles que o adoram com o espírito, corpo e mente, pois, se o nosso espírito não estiver adorando a Deus, não é adoração de fato genuína. Ao entrarmos na presença de Deus, a atitude adequada é a de nos achegarmos de modo agradável, com a devida reverência e santo temor, afinal, “o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12.28-29).

Portanto, a adoração genuína não é algo autogerado ou que pode ser desenvolvido dentro de nós mesmos de modo mecânico ou provocado internamente, mas vem de um derramamento do nosso coração em resposta a um reconhecimento de quem Deus é. Mas, infelizmente, em nossas igrejas, quando muitas pessoas estão chegando ao início da adoração sincera, o culto se encerra abruptamente.

Se está faltando adoração genuína em nossas igrejas, devemos perguntar como podemos levar-nos a experimentar muito mais da profundidade e da riqueza da adoração, que é a resposta natural do coração cheio de fé a uma consciência nítida da presença e da pessoa de Deus.

[...] adoração é uma questão espiritual (Jo 4.21-24) [...] as principais soluções serão espirituais [...] muita oração no preparo da adoração, especialmente por parte dos líderes, [...] receber ensino sobre a natureza espiritual da adoração e da compreensão neotestamentária da adoração na presença de Deus [...] incentivados a corrigir quaisquer relacionamentos interpessoais rompidos. [...] os homens devem levantar mãos santas “sem ira e sem animosidade” (ITm

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*, p. 847.

2.8), e Jesus nos lembra de que devemos primeiro reconciliar-nos com nosso irmão e depois apresentar-nos diante do altar de Deus, trazendo nossa oferta (Mt 5.24). [...] Particularmente os homens precisam ter certeza de que estão vivendo “tendo consideração” para com a esposa, honrando-a para que “não se interrompam” as orações do casal (Ipe 3.7). A igreja toda é responsável por vigiar “para que nenhuma raiz de amargura brotando lhes perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados” (Hb 12.15) - uma indicação de que o pecado e relacionamentos rompidos de alguns podem espalhar-se, atingindo muitos, e impedir que toda a congregação receba a bênção de Deus.

Se queremos de fato aproximar-nos de Deus em adoração, devemos lutar por uma santificação pessoal da vida. O autor de Hebreus lembra aos cristãos que lutem pela “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14), e Jesus disse que somente o puro de coração verá a Deus (Mt 5.8) - promessa parcialmente cumprida nesta vida e plenamente na era que há de vir. [...] quando temos ousadia de entrar na presença de Deus para tributar-lhe louvor³⁷.

Desta forma, a adoração, em sua essência, é o ato de reverência e submissão exclusiva a Deus, reconhecendo sua soberania e transcendência. Sendo assim, biblicamente, o começo da adoração encontra-se no seu objeto, não no sujeito. Esse objeto é o próprio Deus. E como o Deus vivo, aquele que É de eternidade a eternidade e criou o mundo, e o homem à sua própria imagem, toda a iniciativa entre Deus e o homem está nEle. Ele é tanto o sujeito como também o objeto da adoração, este Deus, cuja pessoa e atos são o tema e o princípio formativo da adoração genuína³⁸.

1.4. O QUE É IDOLATRIA

Idolatria “é a adoração de ídolos³⁹ ou imagens”, “a personificação do desejo e do pensamento humanos”⁴⁰. Ou seja, é o desvio da adoração para objetos ou figuras criadas, substituindo o Criador pelo criado. De acordo com o Catecismo de Heidelberg, idolatria “é ter ou inventar algo em que colocar a nossa confiança em lugar ou ao lado do único e verdadeiro

³⁷ GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 855.

³⁸ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia – Volume 1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 109; ver também CHAPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia – Volume 1*. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 54.

³⁹ Um ídolo é tudo aquilo em que se deposita o coração e a fé (*Catecismo Maior de Lutero*. Disponível em: <<https://bookofconcord.org/large-catechism/>>. Acesso em 13 de abr de 2025). Conforme Merrill C. Tenney (*Enciclopédia da Bíblia*. Volume 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 172), “A etimologia dos principais termos traduzidos por “ídolo” ou “imagem” no AT revela o horror e o desprezo dos escritores bíblicos em relação à idolatria”. Todos os termos traduzidos por ídolo no AT “expressam a inércia e ausência de uma divindade verdadeira em um ídolo ou imagem”.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 169.

Deus”⁴¹. A idolatria consiste na adoração ou prestação de honras a um falso deus que pode ser representado por algum objeto ou imagem, em que o devoto deposita sua confiança – em vez de depositá-la em Deus –, objeto este que não poderá prover o bem que tanto deseja. A submissão, portanto, e, em vez de ser dirigida a Deus, em algum ou todos os sentidos, está nas suas perversões de valor, que são representadas pela imagem, ídolo⁴².

Nos Dez Mandamentos há a clara desaprovação e proibição da idolatria. Ex 20.4, por exemplo, proíbe a representação de *YaHWeH* em qualquer forma. Entretanto, esse mandamento não estava preocupado com os artistas e escultores em si, mas com os idólatras, que se valeriam de imagens com fins de adoração vã. “Adorar ídolos significava prostituir-se com outros deuses; por isso, a idolatria foi descrita como adultério (Os 1.2; 9.1,10; Ez 16.15-17; 23)”⁴³.

Segundo Merrill C. Tenney, a idolatria “é vigorosamente condenada, tanto no AT quanto no NT, porque avilta tanto a Deus como ao homem [, pois] nega a existência do Deus verdadeiro que criou o mundo e a humanidade, e cuja glória não pode ser adequadamente apreendida em forma tangível”. Para o autor, é absurdo, portanto, que alguém seja capaz de fabricar um ídolo com as próprias mãos e então tratá-lo como um deus e temê-lo.

Moshe Halbertal e Avishai Margalit⁴⁴ dizem que, um ídolo é tudo aquilo ao qual atribuímos um valor supremo e envolve uma vida de devoção plena e de máximo compromisso, uma atitude que transforma este algo ao qual se atribui tal valor e devoção. Então, qualquer valor que, não sendo absoluto, se converte em tal e exija ser o centro da devoção, é idolatria. É a atitude de atribuir a qualquer coisa importância acima daquela devida a Deus e que domine o seu coração e imaginação mais que ele⁴⁵.

Partindo desse pressuposto, embora alguns afirmem que uma imagem é apenas um instrumento de auxílio, não o objeto da adoração, ainda assim, esse raciocínio pode ter dupla conotação: uma pessoa pode entender essa imagem como uma mera representação, sem valor e poder em si mesma, porém, outra pessoa pode considerá-la como portadora do deus, possuindo pleno de poder e, então, adorará essa imagem. *YaHWeH*, portanto, o único Deus e Mediador

⁴¹ Disponível em: <https://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm>. Acesso em 13 de abr. de 2025.

⁴² CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 207.

⁴³ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia – Volume 3*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 172.

⁴⁴ *Idolatry*. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 245-6.

⁴⁵ KELLER, Timothy. *Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p.20.

entre Deus e os homens na pessoa de Cristo (1Tm 2:5), é o protesto bíblico contra a inutilidade da adoração idólatra⁴⁶.

1.5. O ESPISÓDIO DO BEZERRO DE OURO

As Escrituras estão repletas de relatos de situações diversas, sejam extremamente animadoras e esperançosas por conta da fidelidade divina, sejam desanimadoras por conta do fracasso humano. O episódio do bezerro de ouro é certamente um desses relatos desanimadores no qual os seres humanos se mostraram, mais uma vez, os responsáveis pelo fracasso a tentativa de levar a verdadeira adoração a *YaHWeH* adiante. Como diz Alexandre Miglioranza⁴⁷, esse episódio foi “uma formatação de Deus segundo uma imagem que não foi revelada por ele mesmo”. Nesse sentido, foi uma tentativa do povo de Israel de representar Deus de forma tangível, criando um símbolo material para aquilo que é imaterial e transcendente.

Entretanto, mesmo a confecção da imagem do bezerro com o objetivo de representar a *YaHWeH*⁴⁸, pois possuía a sua presença e o representava⁴⁹, foi um grave erro de Israel pelas seguintes razões: 1) não há forma revelada de *YaHWeH*, o que torna a tentativa de representação a partir do bezerro um falseamento e um ato de idolatria; 2) o impedimento da confecção de imagens de *YaHWeH* se dava com o objetivo de conservação da distinção entre a infinitude do Criador e finitude da criatura, afinal, nem de longe seria correspondente à sua natureza e transcendência⁵⁰; 3) a proibição das imagens conservava a ideia de que *YaHWeH* era diferente dos deuses pagão, não se comparando a esses, cuja presença poderia ser transferida para uma imagem. Resumindo, um objeto criado jamais poderá conter a mínima fração da presença do Criador transcendente. Ou seja, mesmo que se pretenda adorar a *YaHWeH* a partir de uma imagem, isso é o mesmo que desonrar a sua incomparável glória.

⁴⁶ CHAMPLIN, Russell. Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 112.

⁴⁷ *Deus não é seu ídolo: um chamado para mudar o padrão de relacionamento com o Criador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 9.

⁴⁸ HAMILTON, Victor P. *Comentário do Antigo Testamento: Êxodo*. São Paulo, Vida Nova, 2017, p. 743-4.

⁴⁹ BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 18

⁵⁰ CASSUTO, Humberto. *A commentary on the book of Exodus*. Jerusalem: Magnes Press, 1967, p. 236-7); BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 18.

Com a confecção do bezerro de ouro e, conseqüentemente, sua adoração em Ex 32, Israel trocou a sua Glória pela glória vazia de um ídolo⁵¹. Essa afronta a *YaHWeH* foi incomparável e ele realmente se ofendeu muito seriamente⁵². A confecção do bezerro de ouro e sua conseqüente adoração resultou na quebra de pelo menos os três primeiros dos Dez Mandamentos⁵³ e os levou a outros pecados, conforme o versículo 6. Paul R. House diz que isso justifica a ira de *YaHWeH* se acender, primeiramente devido ele ter redimido Israel, portanto ser merecedor de obediência nas próprias condições; em segundo lugar, porque seu ciúme é se justifica ao proteger um relacionamento de uma “desregração prejudicial”; terceiro, adorar outro deus é adorar o vazio, nulo, inexistente, na melhor das hipóteses, perda de tempo e na pior, um insulto ao único Verdadeiro Deus, ou seja, *YaHWeH*⁵⁴.

1.5.1. Pontos de semelhança com a adoração a *YaHWeH*

Como uma forma de representação de *YaHWeH* de forma visível, o bezerro de ouro não era, em sua totalidade, um deus estranho, afinal, um povo que ficou muito tempo no Egito sendo influenciado pela sua cultura e religião, estava acostumado a ter uma imagem que representasse o seu Deus – embora não haja evidências de que *YaHWeH* tenha sido representado em forma de imagem entre os israelitas.

Portanto, pelas próprias palavras de Arão em Ex 32:5, e a declaração do povo de que este(s) deus(es) lhes “[tirou]/tiraram do Egito, da terra da escravidão”⁵⁵, o culto parecia estar

⁵¹ CHILDS, Brevard. *The Book of Exodus: a critical, theological commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974; BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014; WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 528.

⁵² BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. São Paulo: Paulus, 2014.

⁵³ Ter outros deuses diante de *YaHWeH*, embora não necessariamente Israel ou Arão estivesse pensando no bezerro de ouro como outro deus (Como John Goldingay (*Pentateuco para todos: Êxodo e Levítico*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021) entende), embora o que acontece no versículo 6 retrate uma adoração diferente da exigida por *YaHWeH*; criar uma imagem de *YaHWeH*, sendo que ele proibiu esse tipo de confecção para fins de adoração; usar o nome de *YaHWeH* em vão, o que ocorreu quando Arão declarou que seria “festa dedicada a *YaHWeH*” e o povo foi longe demais em sua licenciosidade (v. 6), se envolvendo “em uma orgia, nos moldes dos rituais cananeus da fertilidade” (WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 528).

⁵⁴ HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005, p. 153.

⁵⁵ Pablo R. Andinach (*O Livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Paulo: Sinodal, 2010, p. 361) vê uma ambigüidade literária no v. 4, em que o bezerro de ouro é identificado como Aquele (ou Aqueles) que tirou Israel do Egito, o que remete à reflexão de que seria o bezerro uma “imagem de um Deus egípcio (Anúbis) ou de um Deus cananeu (Baal) ou, então, do próprio Javé”. John Goldingay (*Pentateuco para todos: Êxodo e Levítico*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021) também vê que não necessariamente Arão tivesse em mente outro deus, embora para ela Israel tivesse esse pensamento. Brevard S. Childs (*The Book of Exodus – A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974, p. 564) também enxerga isso, e diz que Arão o fez por se sentir ameaçado pelo povo.

ocorrendo em honra à *YaHWeH*⁵⁶, embora alguns defendam que o povo estava, na verdade, se afastando de dele e adorando outros deuses⁵⁷.

Alan R. Cole diz que, “a julgar pelos textos de Ras Shamra”, as “formas exteriores de culto litúrgico, quer de YHWH quer de Baal, eram indubitavelmente semelhantes”⁵⁸, ou seja, a forma exterior do culto era muito semelhante tanto do culto pagão quanto do culto a *YaHWeH* e, portanto, o povo provavelmente estava adorando ao Deus que os libertou do Egito, porém com um elemento de culto inaceitável – o bezerro de ouro e a licenciosidade à qual se entregou em forma de festejo –, o que invalidou toda a tentativa de adorar a *YaHWeH* de forma correta e aceitável a ele⁵⁹.

Walther Zimmerli⁶⁰ também defende a ideia de que na verdade o povo não estava cultuando algum deus da fertilidade ou outros deuses –da mesma forma, 1Rs 12:28 –, afinal, a fraseologia usada para se referir aos bezerros, tanto em Êx 32:4b quanto em 1Rs 12:28, se vale da própria fraseologia de *YaHWeH* em Êx 20:2, ou seja, “Eu sou o *YaHWeH*⁶¹, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão”. João Calvino⁶² também defende a mesma ideia de que os israelitas, embora tenham fabricado o bezerro de ouro, não estavam adorando a outro deus, mas ao seu Deus.

Desta forma, mesmo a fabricação do bezerro de ouro e a festa dedicada não se caracterizou como um total distanciamento do javismo⁶³, ou seja, mesmo tendo incorrido no erro da criação da imagem, esta não era de fato uma apostasia, mas, sim, um equívoco

⁵⁶ BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 85, diz que a interpretação de que o bezerro era uma representação de *YaHWeH*, o Deus verdadeiro, porém mediante uma imagem pagã. PREUSS, Horts Dietrich; PERDUE, Leo G. *Old Testament Theology, Volume I: A Commentary* – Westminster: John Knox Press, 1995, p. 77, parece enxergar que o bezerro de ouro possuía características suficientes para identificá-lo com o libertador *YaHWeH*. Victor P. Hamilton (*Comentário do Antigo Testamento: Êxodo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, pp. 743-4) acha pouco provável que o bezerro de ouro fosse um ídolo, ele entende que se trata de uma falsa percepção do verdadeiro Deus.

⁵⁷ MERRILL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 325;

⁵⁸ COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova, 1981, p. 209. John H. Walton (*O pensamento do antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento: introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 2021, p. 84) diz que “Praticamente qualquer atributo aplicado a Yahweh na Bíblia hebraica pode ser identificado como pertencente a um outro deus na literatura do antigo Oriente Próximo”.

⁵⁹ Eugene H. Merrill (*Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 83) chama esse episódio de “fiasco”. Walther Eichrodt (*Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 487) diz que “o culto à imagem do bezerro ou da serpente de bronze, devem-se considerar fracassadas”, afinal “de acordo com Ex 32, a imagem do touro não pode ser um símbolo de Israel liderando a nação” (PREUSS, Horts Dietrich; PERDUE, Leo G. *Old Testament Theology, Volume I: A Commentary* – Westminster: John Knox Press, 1995, p. 78, tradução do autor).

⁶⁰ *Old Testament Theology in Outline*. Edinburgh: T & T. Clark, 1978, p. 122.

⁶¹ Embora a versão usada seja a NVI, optei por usar o nome *YaHWeH*, em vez de “Senhor”.

⁶² *As institutas da religião cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2018, p. 64.

⁶³ Javismo é como é denominada a religião de *YaHWeH*, e deriva da transliteração Javé.

interpretativo de quem era *YaHWeH* e uma clara amnésia do povo em relação ao mandamento de não fabricar imagem para a ela se prostrar (Êx 20: 4 e 5).

1.5.2. Pontos de distanciamento com a adoração a *YaHWeH*

Horst Dietrich Preuss e Leo G. Perdue⁶⁴ dizem que o bezerro de ouro de Ex 32 é a oposição imagética do Deus revelado no Sinai, cuja revelação se deu de forma oculta e o qual luta contra a inclinação “natural” do ser humano de se voltar para a adoração de ídolos que possam ver e tocar.

Conforme G. K. Beale, o

bezerro como idolatria está de acordo com Ex 20, que não só afirma que é errado “ter outros deuses [...] diante de mim” (Êx 20.3), como também proíbe a fabricação de qualquer “imagem esculpida, [ou] figura alguma” de qualquer elemento da criação (Êx 20.4), mesmo se a figura for considerada uma representação do Deus de Israel, o que é provavelmente o caso em Êxodo 32, dada a identificação do versículo 8 com o agente divino do Êxodo, como se observou antes.⁶⁵

Alan R. Cole diz que, mesmo que dificilmente esse tipo de representação tenha sido copiado do culto ao boi sagrado egípcio Ápis, que era adorado como uma encarnação na forma de um touro real, não como uma imagem, nem tampouco da deusa Hator, que era adorada na forma simbólica de uma vaca – afinal, o sexo do animal descrito não combina com tal descrição –, é mais provável que se tratasse do touro em que Baal se transformava como de costume⁶⁶. Para Merrill C. Tenney⁶⁷, “o povo exigiu uma imagem visível, moldou o bezerro de ouro, e fez disso o centro do que era aparentemente um culto orgíaco”.

Isto posto, o episódio do bezerro de ouro, embora tenha seus pontos de semelhança com a verdadeira adoração a *YaHWeH*, ainda assim não é o mesmo que adorá-lo verdadeiramente, pois se quebra os seus mandamentos de não fabricar imagens e lhes prestar culto, se distancia da verdade bíblica que afirma que ele não pode ser representado por meio de uma imagem, e se há alguma imagem que pode representar esse Deus invisível, esta é ele próprio, na pessoa de Jesus Cristo, a imagem perfeita de *YaHWeH* (Cl 1:15)– embora não seja o caso do Antigo

⁶⁴ *Old Testament Theology, Volume I: A Commentary* – Westminster: John Knox Press, 1995, p. 78.

⁶⁵ *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: vida Nova, p. 85-6.

⁶⁶ COLE, Alan R. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 207.

⁶⁷ *Enciclopédia da Bíblia* – Volume 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 115.

Testamento, Jesus é a única imagem possível de Deus, pois é ele próprio, sendo uma das 3 Pessoas indissolúveis da Trindade⁶⁸.

Apesar de o episódio buscar um ponto de conexão com o divino, ele se distancia da verdadeira adoração a *YaHWeH* por comprometer o caráter exclusivo e espiritual do relacionamento com Deus. Essa tentativa de representação física revela uma tensão entre o desejo humano por algo visível e o mandamento que exige uma fé baseada no invisível. Assim, enquanto a verdadeira adoração mantém o foco na soberania de Deus, o episódio do bezerro expõe a fragilidade humana e a tendência de romper os preceitos estabelecidos no pacto com *YaHWeH*.

⁶⁸ Trindade é um termo que designa as 3 pessoas de Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, todas sendo completamente Deus, sem se confundirem nem se separarem, tendo o Pai gerando o Filho eternamente, e dos quais o Espírito Santo procede eternamente. Segundo Augustus Hopkins Strong (*Teologia Sistemática* – Volume 1. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 452), “A doutrina da Trindade pode expressar-se nas seguintes seis afirmações: 1. Há na Escritura três que são reconhecidos como Deus. 2. Estes três são descritos de tal modo que somos compelidos a concebê-los como pessoas distintas. 3. Esta tripessoalidade [(três pessoas)] da natureza divina não é simplesmente econômica e temporal, mas imanente e eterna. 4. Esta tripessoalidade não é triteísmo [(três deuses)]; pois, conquanto haja três pessoas, há apenas uma essência. 5. As três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo são iguais. 6. Inescrutável, embora não autocontraditória, esta doutrina fornece a chave de todas outras doutrinas”.

2. MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM AO EPISÓDIO DO BEZERRO DE OURO

Após a manifestação de *YaHWeH* envolvendo todo o monte Sinai, os israelitas resolveram fazer o bezerro e se prostrar diante dele no mesmo lugar, entretanto, o bezerro de ouro não foi um episódio que aconteceu sem nenhuma motivação, como que uma ideia nova que surgiu entre os israelitas, mas algo que estava atrelado à sua essência desde sua origem, pois, conforme Js 24:2, os seus antepassados “prestavam culto a outros deuses” quando “viviam além do Eufrates”. Algumas motivações levaram Israel a confeccionar o bezerro de ouro, como as motivações socioculturais e as motivações culturais e/ou espirituais.

2.1. MOTIVAÇÕES SOCIOCULTURAIS

“Não existiu período na história dos hebreus em que o povo estivesse livre da atração dos ídolos.”⁶⁹. Esta frase de Merrill C. Tenney, resume muito bem a vida do povo de Israel. Não houve um só período em que se desenrolasse sua história sem que se deparasse com a idolatria e com a inclinação de seu coração em se render a ela. Os seus antepassados já cultuavam outros deuses quando viviam na região além do Eufrates. Também Abraão, Isaque e Jacó peregrinaram pela terra de Canaã por bastante tempo, recebendo toda sua influência – por exemplo, Esaú foi influenciado a tal ponto que se casou com duas mulheres canaanitas (Gn 26:34) e Raquel roubou os deuses do seu pai Labão, provavelmente para obter mais prosperidade (Gn 31:19) –, até que se estabeleceram no Egito e receberam toda a influência possível em quatrocentos e trinta anos (conforme Ex 12:40).

Devido seu estabelecimento por tanto tempo em uma terra cuja adoração se dava a uma multiplicidade de deuses, e cuja representação dessa multiplicidade de deuses ocorria através de uma multiplicidade ainda maior de imagens⁷⁰, os israelitas certamente foram influenciados em sua forma de culto, de maneira que parece ter havido algum tipo de representatividade do próprio *YaHWeH* ou eles certamente terem adorado algum dos deuses egípcios⁷¹.

Os ancestrais patriarcais tinham lutado com essa questão (Gn 31.34; 35.2-5), e Israel não se comprometeria tão rápido com a aliança em vista aqui quanto se comprometeu com a construção de um bezerro de ouro, atribuindo a este a maravilhosa libertação do êxodo (Êx 32.4). Dessa época em diante — pelo

⁶⁹ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia* – Volume 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 172.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 170.

⁷¹ Porém não se deve atribuir a imagem do bezerro de ouro aos deuses egípcios Ptah, Hator (COLE, Alan R. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 207).

menos até o retorno do exílio babilônio — Israel e Judá sucumbiram quase continuamente às lisonjas da idolatria pagã, assunto que documentaremos com detalhes.⁷²

Eugene H. Merrill⁷³, reconhece que não se deve “apresentar desculpas para Israel”, mas entende que é importante entender ao menos um pouco do ambiente cultural e religioso que foi o berço da nação, a fim de compreendermos o que levou a comunidade a esse episódio. Em suas palavras,

As grandes civilizações do mundo do Oriente Próximo da Antiguidade, sem exceção, estavam mergulhadas em uma visão de mundo que explicava todos os fenômenos, naturais e sobrenaturais, como manifestações aleatórias de incontáveis deuses e deusas, os quais tinham de ser apaziguados a fim de que não descarregassem sua vingança sobre a humanidade ou deviam ser induzidos por vários meios a trazer fortuna e bem-estar para o homem. Abundância ou necessidade, saúde ou doença, paz ou guerra, vida ou morte — todos dependiam do capricho de seres poderosos que, de alguma maneira, deviam ser invocados ou apaziguados a fim de que a vida trouxesse alguma satisfação. Israel vivia nesse mundo, tendo chegado a algum sentido de um Deus verdadeiro e vivo só por meio da graça deste em afastar Abraão do paganismo sumério e em pôr a ele e seus descendentes para amadurecer em uma relativa incubação em uma Canaã muitíssimo desabitada e em uma parte isolada do Egito. Mas a remoção total daquele mundo era impossível, e Israel viu-se presa nas contra-correntes da vida cultural e religiosa da época e, mais uma vez, levada ao limiar do desastre espiritual até que, por fim, foi para o exílio assírio exatamente por causa de sua infidelidade à aliança em seguir outros deuses (2Rs 17.7-22).

Assim, para o autor, há uma “predileção congênita da nação (e nossa) de procurar e adorar deuses inventados pelo homem”⁷⁴. Ou seja, a humanidade parece evidenciar essa inclinação congênita de criar deuses à sua imagem e segundo a sua semelhança, a fim de ter como justificar suas práticas e predileções “religiosas”. Isso demonstra que, embora não haja defesa para essa prática, todo e qualquer homem é nada menos que fruto de seu tempo e da cultura em que está inserido, não tendo como fugir para além daquilo a que foi exposto desde toda a sua infância até sua velhice, o que o afetará em todos os aspectos de sua vida, seja positiva ou negativamente. E esse é de fato o que aconteceu com o povo de Israel, que desde a sua origem na Mesopotâmia – a família de Abraão veio de Ur dos caldeus, para não se dizer desde Adão e sua egolatria⁷⁵ –, sua estadia em Canaã antes da posse e após sua permanência após a conquista, todos os aspectos de sua existência estiveram, pelo menos, embebidos de idolatria.

⁷² MERRILL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 325.

⁷³ *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd, 2009, p. 325-6.

⁷⁴ *Ibidem*, p.325.

⁷⁵ G. K. Beale e

2.2. MOTIVAÇÕES CULTUAIS E/OU ESPIRITUAIS

Em sua maioria, as religiões da antiguidade eram politeístas, reconhecendo diversos deuses, e uma vez que um deus fosse admitido ao panteão (coleção de divindades de uma cultura), esse deus não poderia ser eliminado desse panteão, embora, em muitos casos, ele pudesse ser “rebaixado” e “elevado” de posição. Cada cultura ou religião, desta forma, herdava ideias religiosas de seus predecessores ou se apropriava dessas ideias através do contato com outros povos em uma guerra. O deus Nanna (deus da Lua), por exemplo, era para os sumérios o que Sin era para os babilônios, e da mesma forma Inanna (deusa da fertilidade e rainha do céu) e Ishtar. Resumindo, a ideia que se tinha do deus era a mesma, o que mudava era apenas o invólucro cultural, e a uma cultura antiga era possível absorver a religião de outra sem mudar o caráter da sua, não apenas reivindicando os deuses da segunda, como também reclamando os mitos dessa cultura como seus, com mínimas e insignificantes mudanças⁷⁶.

Tenney⁷⁷ diz que a Babilônia foi a maior fonte de influência na forma da religião hebraica, até mais que o Egito ou a terra de Canaã. Para ele, o fato é que, conforme Josué 24:2, Terá, o pai de Abraão foi adorador de outros deuses, portanto, é muito provável que ele tenha tido conhecimento do culto da deusa-lua Sin – e eu ainda acrescentaria a possibilidade de ele ter sido um adepto –, afinal, os seus contemporâneos foram os construtores de templos e zigurates impressionantes em homenagem a essa deusa. Sendo assim, “não é inconcebível que o próprio Abraão tivesse sido um adorador das divindades babilônicas”, porém isso se deu antes que Deus o chamasse e firmasse com ele uma aliança. A própria prontidão de Abraão em sacrificar seu próprio filho Isaque parece ser evidência suficiente de que o sacrifício humano aos deuses era algo de conhecimento do patriarca⁷⁸.

Era bastante comum a religião do Antigo Oriente Próximo se valer da iconografia, ou seja, a fabricação de algum tipo de imagem com a finalidade de adoração. Na contramão de todas essas religiões adoradoras de ídolos, apenas Israel era oficialmente anicônica, isto é, não tinha imagens ou qualquer representação pictórica de Deus – a arca ou as imagens bordadas ou esculpidas no Tabernáculo e /ou no Templo não eram representações de Deus, mas apenas artes com finalidade decorativa –, e iconoclasta (ou seja, rejeitava totalmente as imagens), afinal, o segundo mandamento proibia expressamente a confecção de imagens de *YaHWeH*, o que não

⁷⁶ PACKER, J. I. *et al.* *The world of the Old Testament*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982, p. 104-107.

⁷⁷ TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia* – Volume 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 169.

⁷⁸ É o que parece defender J. I. Packer

foi obedecido por Arão (Ex 32) e Jeroboão (1Reis 12). Entretanto, essa iconoclastia infelizmente nem sempre esteve presente na história dos israelitas, que já haviam adorado ídolos pagãos enquanto escravos no Egito (Js 24:14), e embora *YaHWeH* tivesse banido essa prática (Ex 20:1-5), novamente foram induzidos pelos moabitas à idolatria (Nm 25:1-2)⁷⁹.

3. DESDOBRAMENTOS DO EPISÓDIO DO BEZERRO DE OURO

“Infelizmente, o povo, logo depois da aliança ser feita, violou o princípio fundamental dela — de que só o Senhor é Deus e só ele deve ser adorado — ao fazer um bezerro de ouro e se curvar diante dele (Êx 32.1-6). Isso precipitou uma crise de fé e de identidade, pois parecia que Israel rejeitara o Senhor em favor de outro deus e, por meio desse ato, deixou de ser o povo do Senhor”⁸⁰.

Entretanto, essa iconoclastia infelizmente nem sempre esteve presente na história dos israelitas, que já haviam adorado ídolos pagãos enquanto escravos no Egito (Js 24:14), e embora *YaHWeH* tivesse banido essa prática (Ex 20:1-5), novamente foram induzidos pelos moabitas à idolatria (Números 25:1-2). Idolatria foi a ruína dos dirigentes de Israel em diferentes períodos de sua história, e Deus finalmente permitiu que a nação fosse derrotada "por causa dos seus sacrifícios" a ídolos pagãos (Oséias 4:19)⁸¹.

3.1. “VOCÊ SE TORNA AQUILO QUE ADORA”: COMO O ANTIGO TESTAMENTO RETOMOU ESSE TEMA EM SUAS DENÚNCIAS

Nesta seção, não se pretende expor de forma exaustiva todas as denúncias dos profetas retomando o episódio do bezerro de ouro, se seguirá algumas denúncias discutidas por G. K. Beale em sua obra *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*, a saber, Salmo 115 e 135, Isaías 6, Oseias 4.7 e Jeremias 2.5,11.

Partindo de Salmos 115, principalmente do versículo 8, o qual contém uma maldição contra os que fabricam ídolos – que são incapazes de “falar”, “olhar”, “ouvir”, “cheirar”,

⁷⁹ PACKER, J. I.; *et al.* *The world of the Old Testament*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982, p. 104-107.

⁸⁰ MERRILL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 255.

⁸¹ PACKER, J. I.; *et al.* *The world of the Old Testament*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982, p. 104-107.

“apalpar”, “andar” e “emitir som” – e confiam neles, a qual declara explicitamente: “Tornem-se como eles aqueles que os fazem e todos os que neles confiam”, Beale segue sua tese de que tanto o fabricante quanto adorador de ídolos se tornam semelhantes ao que adoram. Traçando um paralelo com Deuteronômio 29.4⁸², o autor demonstra que há grande probabilidade de o uso de Deuteronômio no Salmo 115 se dar por conta de “as figuras do mau funcionamento dos órgãos do sentido em Deuteronômio 29.4 representarem os ídólatras da primeira geração de Israel assemelhando-se a seus ídolos espiritualmente mortos”⁸³.

Nesse mesmo sentido, Isaías 6 retoma esse episódio no relato do seu chamado, no qual fica muito claro que, após a aparente paródia da cerimônia de “lavagem de boca”⁸⁴ do ídolo, a purificação dos seus lábios pelo serafim (v. 6.6,7) o seu chamado é apresentado como sendo para tornar disfuncionais o coração do povo, os seus ouvidos e os seus olhos (v. 10). Para G. K. Beale, isso parece uma introdução oportuna para o restante dos versículos 9 a 13, “que são uma zombaria literária da adoração idólatra de imagens pelos israelitas”⁸⁵.

Oseias 4 é outro texto que reflete a mesma ideia da disfunção por causa da adoração idolátrica. Ao mesmo tempo que os israelitas trocaram a glória de Deus por algo vergonhoso, perdendo a imagem de vida e se tornando a imagem de inerte e apática do ídolo (v. 7), ansiavam ser férteis através dos rituais sexuais realizados em honra ao vergonhoso Baal, se tornavam inférteis (v. 10) por colocar sua esperança e confiança em um ídolo. Quando Israel praticava a idolatria e seus rituais, o seu castigo era cada vez mais se iludir e ficar desprovido de entendimento, se tornando cada vez mais semelhante aos ídolos que adorava, ou seja, sem coração e sem entendimento⁸⁶. As referências ao culto do bezerro de ouro em Oseias sem dúvidas devem ser entendidas à luz do culto aos bezerros de ouro que Jeroboão mandou fabricar e colocar em Betel e em Dã (1Rs 12.28-33) dizendo: “Vocês já subiram muito a Jerusalém. Aqui estão os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito” (v. 28). A fraseologia usada

⁸² Salmos 115 e 135 e Deuteronômio 29.4 são os três únicos textos que combinam o segmento “feito por mãos humanas” (com certa variação) e a descrição dos ídolos que “não veem, não ouvem, nem cheiram” (BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 75).

⁸³ *Ibidem*, p. 76.

⁸⁴ O ritual da “lavagem de boca” fazia parte do ritual de deificação da imagem, a qual preparava o ídolo para receber a essência do deus que seria representado. Em linhas gerais, esse ritual possuía três etapas, sendo a primeira delas “a separação da imagem da sua condição da sua condição presente de matéria inanimada”, sucedida da “remodelagem, que visava preparar a imagem para a sua nova condição, finalizando com a “reintrodução da imagem, na sua nova e transformada existência divina”. (*Ibidem*, p. 65).

⁸⁵ *Ibidem*, p. 66.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 99 - 109.

por Jeroboão não deixa dúvidas de que era uma recapitulação o episódio do bezerro de ouro em Êxodo 32.

Da mesma forma, é significativo que Jeremias 2.5,11 também faça a mesma alusão ao episódio do bezerro de ouro que Salmos 106.20 e Oseias 4.7. Partindo da ideia de que nenhuma outra nação já tenha trocado o seu deus, mesmo que não sejam de fato deuses, por outro, o profeta denuncia que o povo de *YaHWeH* “trocou a sua Glória por deuses inúteis”. De acordo com G. K. Beale, o verso 11 possui uma relação estreita com o 5 (“Eles seguiram ídolos sem valor, tornando-se eles próprios sem valor”), o que indica que a troca da Glória é nada menos que se tornar uma imagem da glória escolhida, ou seja, enquanto eles mantivessem a Glória de *YaHWeH*, refletiriam sua imagem, mas a partir do momento que trocaram esta Glória por outra “glória”, tornaram-se tão ofuscados e inúteis quanto o ídolo ao qual escolheram. Desta forma, fica evidente que a troca da sua Glória por uma “glória” inútil os tornou igualmente inúteis como os seus ídolos, isso resume as consequências da idolatria, desde o bezerro de ouro até as diversas experiências idólatras de Israel em toda a sua história⁸⁷.

3.2. IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS NO CULTO ISRAELITA

O bezerro de ouro foi como o pecado original da comunidade de Israel, e isso a acompanhou até a atualidade, e certamente a acompanhará até que o Messias retorne. Esse pecado foi retomado pelos próprios israelitas em toda a sua trajetória e história, o que levou os profetas a denunciarem-no diversas vezes. Conforme G. K. Beale, “o bezerro de ouro era considerado paradigmático da futura idolatria em Israel, de forma que a idolatria posterior seguiria o modelo anterior”⁸⁸.

3.2.1. Implicações imediatas

Victor P. Hamilton diz que, uma vez que os israelitas acabaram de entrar em uma “santa aliança” com *YaHWeH*, se assemelhando a um casamento, o pecado cometido por Israel no capítulo 32 foi “como cometer adultério na mesma noite do casamento”⁸⁹. Nesta mesma

⁸⁷ *Ibidem*, p. 110-6.

⁸⁸ *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 77. Pablo R. Andíach (2010, p. 360) também afirma que o bezerro de ouro se tornará o “paradigma da idolatria israelita”.

⁸⁹ *Comentário do Antigo Testamento: Êxodo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 742-3.

direção, Pablo R. Andiñach diz que “Israel após o bezerro de ouro não é o mesmo que antes dele; de certa forma, é um Israel mais real e mais humano.”⁹⁰.

Não há dúvidas – e as Escrituras não abrem nenhuma margem para isso – que toda a vida da comunidade de Israel foi afetada por esse episódio. Desde o episódio do bezerro de ouro em diante, pelo menos ao menos até o retorno do exílio, o povo de Israel (Norte e Sul) sucumbiu quase continuamente às lisonjas da idolatria pagã, seja na forma de imagens, seja de forma prática. Desde o episódio do bezerro de ouro, outro episódio semelhante aconteceu em Baal-Peor. Nesse episódio, o povo de Israel “começou a prostituir-se com as filhas dos moabitas. Elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses.” (Nm 25:1 e 2).

Continuando essa história de decadência, após sua entrada em Canaã, não muito tempo depois, houve o triste episódio do levita e sua concubina (Jz 19), a qual foi “oferecida” para satisfação dos “filhos de Belial” (v. 22), os quais a violentaram sexualmente até a morte “toda a noite até pela manhã” (v. 25). Esse deplorável episódio mostra o perigo de não se livrar dos povos idólatras e se envolver com sua vida de idolatria, que corrompe de tal forma que um levita, separado por *YaHWeH* para o seu serviço, se entregue como sacerdote de um falso deus, e às mais desprezáveis ações por conta da anestesia espiritual. Isso porque, conforme Salmo 115:8, há uma maldição invocada para aqueles que fazem e confiam em ídolos, a saber, que “tornem-se como eles”⁹¹, ou seja, vazios de vida, cegos, inertes, e surdos, ao ponto de não conseguirem se mover em direção ao Senhor que os chamou, de não enxergarem que estão tão deploravelmente afundados na lama do pecado, de não serem capazes de ouvirem a Voz que os chama ao arrependimento, a fim de os purificar.

3.2.2. Implicações posteriores

G. K. Beale diz que o “propósito da comparação entre a idolatria da primeira geração e das gerações futuras é que o bezerro de ouro era considerado paradigmático da futura idolatria

⁹⁰ ANDIÑACH, Pablo R. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p.329-0.

⁹¹ Para entender melhor sobre esse conceito, leia G. K. Beale (*Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2018).

em Israel, de forma que a idolatria posterior seguiria o modelo anterior”⁹². E de acordo com Claus Westerman,

As contravenções de Israel, a partir do episódio do bezerro de ouro, são tornados tão a sério a ponto de assinalar a história do povo de Deus daí para frente. Deslizando o povo sem se deter para o abismo, Deus se opôs rigorosamente por meio de punições, como fora predito pelos profetas⁹³.

Com isso, fica claro que todo o Antigo Testamento, especialmente os profetas (Jeremias, Oseias, Isaías, Ezequiel etc.), retomam esse episódio em suas denúncias com o objetivo de ridicularizar o erro da adoração aos ídolos tão cometido por Israel em toda a sua história.

3.2.3. Implicações contemporâneas

Alexandre Miglioranza diz que “Quando limitamos o Criador a uma extrapolação de nossas particularidades, esculpimos os nossos bezerros de ouro”⁹⁴. Não é preciso muito esforço para que se perceba a fabricação de bezerros de ouro à semelhança de Êxodo 32 em igrejas da atualidade⁹⁵. Há vários exemplos de igrejas que revisitam esse episódio – mesmo que inconscientemente o façam, não as isente de seu pecado de idolatria – e incluem no culto elementos do paganismo ou até mesmo do judaísmo. A “Festa das Cores” é uma festa que muitas igrejas adotam, principalmente entre os jovens com a finalidade de as cores representarem a aliança que Deus fez com Noé, porém se origina de uma festa hindu, cujo objetivo é a celebração da vitória do bem, representado pelo demônio Prahlada – filho do rei demônio Hiranyakashipu – sobre o mal, representado pela demônia Holika, sua tia, que tenta enganá-lo e matá-lo a pedido de seu próprio pai, porque ele era devoto do deus Vishnu. Esta festa é chamada de “Holi Fest”⁹⁶.

Outra manifestação que podemos comparar com o bezerro de outro é o uso, por vezes excessivo, de elementos judaicos no culto cristão, que embora derive daquele, não é o mesmo.

⁹² BEALE, G K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.77.

⁹³ WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005, p. 104.

⁹⁴ *Deus não é seu ídolo: um chamado para mudar o padrão de relacionamento com o Criador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 9.

⁹⁵ Igrejas como

⁹⁶ MCCOY, Daniel J. *The Popular Handbook of World Religions*. Eugene: Harvest House Publishers, 2021, p.196; KUMAR, Tumuluru Kamal. *Hindu Prayers, Gods and Festivals*. New Delhi: Partridge Publishing, 2015, p.53-60; LOCHTEFELD, James G. *The Illustrated Encyclopedia of Hinduism*. New York: The Rosen Publishing Group, 2002, p.285-7; DALAL, Roshen. *The Religions of India: A Concise Guide to Nine Major Faiths*. New Delhi: Penguin Books, 2010, p.148.

Um dos elementos mais usados, mas que parece ter “saído de moda” é a réplica da arca da aliança, que Deus deu para representar sua presença no meio dos israelitas, porém muitos cristãos adotaram esse elemento em seu culto e, por diversas vezes, igrejas realizaram uma espécie de “volta ao redor de Jericó” com alguns líderes seus carregando a “arca” com alguns tocando *shofares*. Hoje tem sido raro o aparecimento do elemento da arca, que parece ter sido esquecida, porém permaneceu o *shofar*, que veio com mais força que antes, pois é tocado praticamente em toda parte do culto, levando o “*shofarista*” a incomodar alguns fiéis, que no meio de sua entrega se depara com um som estranho no meio da adoração.

Não que esses elementos sejam idolátricos em si, mas a partir do momento que trazemos um elemento de determinado culto que não faz parte do nosso, torna-se um bezerro de ouro – nesse caso, Deus deu a arca e o *shofar* aos israelitas, não à igreja. Outro agravante é o fato de os que adotam o uso do *shofar* se referirem a essa prática como espiritual, possibilitando vitória, abertura de portas, ou até mesmo a verdadeira forma de se chamar a atenção de Deus, o que não é mencionado em nenhuma parte da Bíblia, nem no Antigo Testamento, e principalmente do Novo Testamento.

Outros tipos são a idolatria de um líder, de um ministério, de uma teologia etc., desconsiderando tudo o que é de fato bíblico, se não for validado pelo líder, pelo próprio pensamento ou pela teologia à qual aderiu, é considerado não bíblico e descartado. Um grande exemplo é o fato de eu ter ouvido que de algumas pessoas que em determinada conferência extremamente importante da teologia reformada, dão-se testemunhos como se fosse conversão ao evangelho. Isso é um exemplo claro de bezerro de ouro – não que a teologia seja de fato o problema, pois não é, mas é ponto comum, para não dizer central, que o texto bíblico é soberano sobre qualquer teologia, e preferir determinados textos e/ou interpretações em detrimento do exposto nas Escrituras Sagradas, esta torna-se nada mais que validadora da interpretação.

Em uma das minhas primeiras aulas na FTBSP, um professor mencionou um caso que ocorreu com determinado aluno⁹⁷ em suas aulas. O relato foi mais ou menos assim: “Certa vez, eu estava dando aulas para uma sala e sempre que eu trazia o significado bíblico de determinado texto e evidenciava que esse era de fato o que a Bíblia estava falando, um dos alunos sempre me interrompia dizendo ‘mas meu apóstolo diz isso’, e por diversas vezes isso se repetiu, até que chegou em um ponto que o professor lhe falou: ‘Então, você precisa escolher entre o que o

⁹⁷ O professor não citou o nome do aluno nem se ainda estava estudando ou não, apenas relatou o caso para entendermos a seriedade da questão.

seu apóstolo diz e o que a Bíblia diz’, o que infelizmente foi seguido da afirmação: ‘Verdade, vou ficar com o que o meu apóstolo diz’”.

Desta forma, por mais que haja denúncias, por mais que percebamos o terrível pecado da idolatria em nós, tudo o que fazemos é nos justificar e nos apegar a qualquer coisa que tenha aparência de satisfação e que não nos exija qualquer mudança que seja. Se percebermos que estamos idolatrando algo ou alguém, a tendência do nosso coração – que embora restaurado, está sempre inclinado a si próprio – é de se isentar de qualquer esforço em direção à mudança necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto acima, fica clara a afirmação de João Calvino de que o coração do homem é uma “fábrica de ídolos”. Portanto, resta a seguinte pergunta: é possível, hoje, adorar verdadeiramente a *YaHWeH*? A Bíblia afirma que sim. O próprio Cristo, em Jo 4.24 diz que “Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”, portanto, fica evidente que isso é possível, caso contrário ele teria dito que a ninguém seria possível fazer tal coisa.

Entretanto, em Mateus 15.8,9, evocando Isaias 29.13, ele também afirma “Este povo o honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens”. Ou seja, mesmo sendo possível a adoração verdadeira a Deus, os lábios dos adoradores nem sempre refletem os seus corações, tornando a adoração mais idólatra que verdadeira. Se o coração é uma fábrica de ídolos, qualquer coisa que pareça satisfatório e prazeroso pode tomar o lugar de adoração que é devido apenas ao Senhor. Como o crente ainda está aprisionado na carne, o seu desejo é contrário ao que o Espírito deseja (Gl 5.17). Enquanto a carne deseja o pecado, o Espírito deseja a santidade que aproxima o homem de Deus⁹⁸.

Faz-se necessário muita oração e que se esteja atento para que não seja fabricante de bezerros de ouro, nem tampouco adorador, a fim de que não se torne igual a eles, como aconteceu com os israelitas no passado e como acontece com todo ser humano hoje, que deseja os atuais deuses falsos, a saber, o dinheiro, o sexo e o poder.

Três passos fundamentais ajudam a identificar e destronar: o primeiro é discernir os ídolos, ou seja, entender que todos têm ídolos internos; o segundo passo é identificar quais são os ídolos. E para ajudar com essa identificação, em Mateus 6.21 Jesus disse: “Pois onde estiver

⁹⁸ Mas Deus, que em sua graça deu sua Palavra e o seu Espírito a fim de capacitar o homem para refletir sua imagem, capacita os homens através de seu Espírito e de sua Palavra nos seus corações, que se tornaram sua morada. Além disso, ele presenteia a humanidade com boas produções literárias que explicam e aplicam sua Palavra a fim de que se entenda cada vez melhor aquilo que ele fala. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria* (G. K. Beale), *No alvorecer dos deuses: desvendando as idolatrias profundas do coração* (Yago Martins), *Deus não é seu ídolo* (Alexandre Miglioranza), *A origem da idolatria* (Mauro Meister) e *Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa* (Tim Keller) são exemplos ótimas literaturas que ajudam a desvendar quais são os deuses que estão inseridos nos corações dos homens e que os dominam. Com o auxílio dessas obras mencionadas acima, juntamente com o estudo das Escrituras Sagradas e muita oração, é possível identificar quais deuses estão no trono de coração, possibilitando destroná-los, deixando apenas Aquele ao qual todo trono pertence por direito.

o seu tesouro, ali estará também o seu coração”; e o terceiro passo é a substituição desses bezerros. A Carta aos Colossenses orienta:

“Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus. (Cl 3:1-3).

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. Desmond. *Êxodo*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento*. Volume 1. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

ALONSO SCHÖCKEL, Luis. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1994.

ANDIÑACH, Pablo. R. *Introdução hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

_____. *O livro de Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

ARCHER JR., Gleason L. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Editio quinta emendata. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BORN, Den Van A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2018.

BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2014.

CALVIN, Jean, 1509-1564. *A instituição da religião cristã – Tomo I, Livros I e II*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CASSUTO, Humberto. *A commentary on the book of Exodus*. Jerusalem: Magnes Press, 1967.

CATECISMO de Heidelberg. **Monergismo**. Disponível em:

<https://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm>. Acesso em 13 de abr. de 2025.

CATECISMO maior de Westminster. **Monergismo**. Disponível em:

<https://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismomaior_westminster.htm>. Acesso em 18 de abr. de 2025.

CHAPLIN, Norman Russell. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHILDS, Brevard S. *The Book of Exodus – A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974.

COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova, 1981.

CULVER, Robert D. *Teologia sistemática: bíblica e histórica*. São Paulo: Shedd: 2012.

DALAL, Roshen. *The Religions of India: A Concise Guide to Nine Major Faiths*. New Delhi: Penguin Books, 2010.

DAVIDSON, Benjamin. *Léxico analítico hebraico e caldaico*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2002.

DEYOUNG, Kevin. *Os Dez Mandamentos: significado, importância e motivos para obedecer*. São Paulo: Vida Nova, 2020.

DILLARD, Raymon B.; LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DONNER, Herbert. *História de Israel e de seus povos vizinhos*. 2 vols. São Paulo: Editora Sinodal, 2015.

EICHIRODT, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2004.

ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 1991.

GOLDINGAY, John. *Pentateuco para todos: Êxodo e Levítico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HALBERTAL, Moshe; MARGALIT, Avishai. *Idolatry*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

HAMILTON, Victor P. *Comentário do Antigo Testamento: Êxodo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

HARRIS, R. Laird; et al. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HILL, Andrew E.; WALTON, John H. *Panorama do Antigo Testamento*. Vida Nova, 2007.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005.

KELLER, Timothy. *Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LOCHTEFELD, James G. *The Illustrated Encyclopedia of Hinduism*. New York: The Rosen Publishing Group, 2002.

KUMAR, Tumuluru Kamal. *Hindu Prayers, Gods and Festivals*. New Delhi: Partridge Publishing, 2015.

KUNTZ, John Kenneth. *The self-revelation of God*. Philadelphia: Westminster, 1967.

LARGE catechism. **Book of Concord**. Disponível em: <<https://bookofconcord.org/large-catechism/>>. Acesso em 13 de abr. de 2025).

LASOR, William S. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUZA, Nilo. *Uma introdução ao Pentateuco*. São Paulo: Paulus, 2019.

MCCOY, Daniel J. *The Popular Handbook of World Religions*. Eugene: Harvest House Publishers, 2021.

MCONVILLE, J. Gordon. *Graça ao final: um estudo sobre a teologia*. São Paulo: Shedd, 2021.

MERRILL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

MEYERS, Carol L. *Exodus*. New York: Cambridge University Press, 2005.

MIGLIORANZA, Alexandre. *Deus não é seu ídolo: um chamado para mudar o padrão de relacionamento com o Criador*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

NIEHAUS, Jeffrey J. *Deus no Sinai: aliança e teofania na Bíblia e no Oriente Próximo da Antiguidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2021.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PACKER, J. I. *et al. The world of the Old Testament*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1982

PROVAN, Ian *et al. Uma história bíblica de Israel*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

RÖMER, Thomas *et al. Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SMITH, James K. *Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática – Volume 1*. São Paulo: Hagnos, 2003.

TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

VANGEMEREN, Willem A. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegetica, canônica e temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WALTON, John H. *O pensamento do antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento: introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica*. São Paulo: vida Nova, 2021.

_____ ; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WESTERMANN, Claus. *Fundamentos da teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

WILLIAMS, Derek. *Dicionário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

YOUNG, Edward J. *An introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1989.

_____. **The Presbyterian Guardian**. Volume 13. Number 7 – April, 1944.

Disponível em? chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.opc.org/cfh/guardian/Volume_13/1944-04-10.pdf>. Acesso em 15 de mar de 2025.

ZIMMERLI, Walther. *Manual de teología del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1980.

_____. *Old Testament Theology in Outline*. Edinburgh: T & T. Clark, 1978.